



"Qual é o meu gosto?" ela sussurra, seu olhar focado na minha boca. Eu levanto minha sobancelha para sua ousadia. Por outro lado, eu não deveria estar tão surpreso. Ela pode ter uma boceta humana, mas ainda é uma Syren por baixo. "Como os mares", eu digo a ela, chupando o resto dela dos meus dedos. "Como águas desconhecidas." E eu sou o primeiro a descobri-las. O som de sangue espirrando no cálice atrai meu olhar. Seu sangue da cruz diminuiu, mas os copos estão cheios, e eu não posso me dar ao luxo de deixá-la sangrar mais. Eu desengancha suas pernas ao meu redor e vou para minha mesa, meu pau doendo enquanto pego o maço de sálvia. Eu o acendo brevemente em uma chama antes de apagá-lo. Eu começo a arrancar os espinhos dos pulsos ensanguentados dela, um de cada vez, a dor fazendo sua voz ficar presa na garganta, e eu rapidamente pressiono as ervas queimando contra as feridas abertas. Murmuro meu feitiço repetidamente até que as feridas comecem a cicatrizar. Ela olha para mim com olhos grandes. "Você pode me decepcionar também?" Eu vejo o que está acontecendo. Ela acha que, porque eu a fiz gozar, estou prestes a ficar doce com ela. Eu sorrio. "Eu já te dei êxtase com meus dedos. Não fique ganancioso, peixinho." Então, eu me viro e caminho até a porta, deixando-a nua na cruz. Não planejo ficar fora por muito tempo. Eu sei que ela pode ficar na ponta dos pés para se sustentar, mas logo, ela estará muito exausta. Ela tem que saber que está à minha mercê, que eu não estou à dela, e ainda assim não quero sair do meu caminho para ser cruel. Não, a menos que ela mereça. Então, eu me esgueiro pela noite e sigo para o norte. Está frio, o cheiro de geada no ar, e o vento é apenas um sussurro. Ouço sons no mato, animais correndo para longe enquanto corro pela floresta atrofiada. Eu me movo rápido, um borrão a olho nu, indo em direção à cidade de Ciudad del Rey Don Felipe.